



Sérgio Oyama, de VEJA, e a 168.ª turma de São Paulo

O sabor do Cursilho

CEM MIL BRASILEIROS JÁ O PROVARAM

"Onde há gente, há cursilho. Até no Vietnam." (Frase de uma dirigente do 123.º Cursilho Feminino da Diocese de São Paulo, no fim de maio.)

Muita gente deve ter pensado que aqueles portões se abriam para o reino dos céus. Suas folhas largas, majestosas, seu corpo rígido mordido aqui e ali por inescrutáveis hieróglifos impostos à força de formões, pelo menos sugeriam que os segredos lá dentro escondidos eram certamente transcendentais. Lá fora, na calçada que servia de fronteira entre a Terra e o Éden, havia umas cinquenta pessoas. Tinham chegado em dois ônibus, tão absorvidas pela perspectiva do que poderiam encontrar no ponto final, que nenhuma delas sequer pensara em anotar mentalmente o trajeto seguido.

Do outro lado dos portões, porém, ultrapassando os altos muros que pareciam ter o comprimento de um quarteirão, pulsava um cheiro de flores e grama molhada — era o começo da noite e do sereno. E todos entraram. Estavam agora num pátio de 500 metros quadrados, circundado por uma construção baixa e de poucas janelas, com vegetação brilhante, talvez por causa da ilumina-

ção bem colocada, árvores altas cuidadosamente aparadas e uma infinidade de pequenos caules floridos em todos os cantos.

Laranja, jatobá, melancia — Rapidamente, dez pessoas sempre solícitas e sorridentes correram para as malas dos visitantes, anotaram seus nomes, ensinaram-lhes o caminho para os quartos, deram-lhes muitos abraços e apertos de mão, entregaram-lhes crachás coloridos para que o nome de todos ficasse sempre visível sobre o coração, mostraram-lhes um bazar onde poderiam comprar de escovas de dentes a livros, fazendo seu próprio troco — e finalmente lideraram uma silenciosa marcha rumo a uma sala comprida, com chão de pastilhas e forro de chapas, onde à primeira vista parecia haver mais mesas do que cadeiras.

"Por mais que me esforçasse, nunca, nunca consegui explicar a meus filhos o sabor do jatobá, até o dia em que comprei a fruta e deixei que eles experimentassem. Assim também é o Cursilho, minha gente." Eram 9 horas da noite quando a senhora simpática entrou no assunto que levava cinquenta mulheres a um convento da rua Marcondésia, no bairro

da Chácara Flora, na zona sul de São Paulo.

"Por mais que me esforçasse, nunca, nunca consegui explicar a meus filhos o sabor da laranja, até o dia em que comprei a fruta e deixei que eles experimentassem. Assim também é o Cursilho, minha gente." Eram 9 horas da noite quando o senhor simpático entrou no assunto que levava cinquenta homens a um convento da rua Padre Estevam Pernet, no bairro do Tatuapé, na zona leste de São Paulo.

"Por mais que me esforçasse, nunca, nunca consegui explicar a meus filhos o sabor da melancia, até o dia em que comprei a fruta e deixei que eles experimentassem. Assim também é o Cursilho, minha gente." Eram 9 horas da noite quando uma pessoa qualquer, mas certamente simpática, entrou no assunto

continua na página 54

Ao lado, imagens do convento da rua Padre Estevam Pernet, em São Paulo, onde se realizou o 168.º cursilho para homens: as portas da capela, a sala de "rollo", um dormitório, e o pátio